



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Guerra Civil em Moçambique: Desterritorialização e a experiência migratória, na obra Terra Sonâmbula de Mia Couto

João Pessoa, 20 de outubro de 2018.

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Guerra Civil em Moçambique: Desterritorialização e a experiência migratória, na obra Terra Sonâmbula de Mia Couto

Trabalho de Curso submetido à Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa sob a orientação da Professora Dr^a Vanessa Riambau Pinheiro.

João Pessoa, 2018

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e

V331g Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de.

Guerra Civil em Moçambique: Desterritorialização e a experiência migratória na obra Terra Sonâmbula, de Mia Couto / Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. - João Pessoa, 2018.

47 f.

Orientação: Vanessa Neves Rimbau Pinheiro Pinheiro.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. guerra; desterritorialização, sonambulismo, identi.
I. Pinheiro, Vanessa Neves Rimbau Pinheiro. II. Título.

UFPB/CCHLA

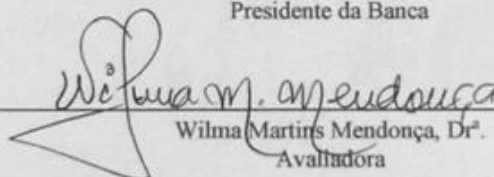
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS

**GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE: DESTERRITORIALIZAÇÃO E A
EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA, NA OBRA TERRA SONÂMBULA DE MIA
COUTO**

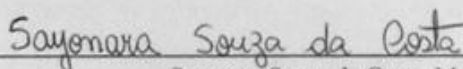
Trabalho de Curso submetido à
Universidade Federal da Paraíba como
parte dos requisitos necessários para a
obtenção do grau de Licenciada em Letras
com habilitação em Língua Portuguesa



Vanessa Neves Rimbau Pinheiro, Dr.
Presidente da Banca



Wilma Martins Mendonça, Dr.
Avaliadora



Sayonara Souza da Costa, Ma.
Avaliadora

Maria Aparecida Saraiva Magalhães de Sousa, Ma.
Avaliadora suplente

João Pessoa
2018

*A todas as mãos que se estenderam
A todos os abraços que me acalentaram
A cada palavra que me incentivou na caminhada
A todos os sonhos e desafios que me guiaram até este dia*

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por tudo que me concede.

A **Nossa Senhora das Graças**, minha Santa de Devoção, por abrir os meus caminhos.

Aos meus pais, **Itamiran Maria Sousa de Vasconcelos e Adaylson de Vasconcelos Costas**, que me concederam a oportunidade de estar, no dia de hoje, encerrando mais um ciclo da minha vida acadêmica.

A meu irmão **Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos** pelo incentivo e orientações dedicadas.

A **Tia Edna** que mesmo tendo partido há quatro anos permanece e permanecerá em mim e em tudo que faço.

A **André Gonzaga Falcão**, meu companheiro de vida, por todo o amor que me ampara e me fortalece.

A **Vanessa Rimbau**, minha orientadora e amiga, que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho. Agradeço por todo o apoio dedicado, por todas as oportunidades que surgiram através de ti, por todos os autores apresentados, pelas indicações de leitura e por ser espelho que me incentiva. Oxalá que um dia eu seja metade do que tu és.

A todos os amigos que fiz durante este curso, em especial a Eriglauber de Oliveira e Ana Aragão pela paciência dedicada a cada revisão textual e pela motivação sem medidas que me impulsionaram/am.

A Chico pelo sorriso largo e caloroso que me acolhe nos corredores da Universidade.

A todos os meus professores do Curso de Licenciatura em Letras da UFPB, em especial Amanda Batista Braga e José Ferrari Neto, Wilma Martins Mendonça, que de modo particular marcaram minha vida acadêmica; a eles dedico total gratidão.

A Mia Couto por sua escrita que me fascina desde o primeiro contato literário que tivemos.

A Muidinga, Tuahir e Kindzu pelas viagens que fizemos nesta *Terra Sonambula*.

RESUMO

O propósito desta pesquisa centra-se na análise do processo de desterritorialização e na experiência migratória vivenciada pela personagem Kindzu no romance *Terra Sonâmbula* (1992), de Mia Couto. Ao considerarmos o cenário ficcional que rege a problemática dos trânsitos, observamos que a Guerra Civil (1977-1992) detém três características marcantes na narrativa, sendo ao mesmo tempo o elemento responsável pelo “sonambulismo identitário” que assola a personagem, a força coatora que as obriga ao deslocamento e que metamorfoseia o solo pátrio em terra exílio. Neste diapasão, a fim de conceder uma melhor compreensão acerca do nosso *corpus* e do contexto histórico de produção literária, estruturamos nossa pesquisa em três seções, sendo estas: i. Contextualizando espaços, capítulo subdividido em dois tópicos destinados a discutir, respectivamente, a narrativa e o contexto de produção literária, ii. Migrações e processo de desterritorialização: considerações teóricas e, por último, iii. Terra sonâmbula: processo de desterritorialização e sobrevivência em tempos de guerra, momento em que nos debruçaremos na análise do *corpus* com base nas discussões teóricas dos tópicos anteriores. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico as contribuições de Hall (2003, 2006), Bonicci (2005) entre outros.

Palavras-chave: guerra; desterritorialização, sonambulismo, identidade, Moçambique.

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the process of deterritorialization and the migratory experience experienced by the Kindzu character in Mia Couto's novel *Terra Sonâmbula* (1992). When we consider the fictional scenario that governs the issue of transits, we observe that the Civil War (1977-1992) has three distinguishing features in the narrative, being at the same time the element responsible for the "sleepwalking identity" that devastates the character, obliges them to the displacement and that metamorphoses the land patria in earth exile. In this context, in order to provide a better understanding of our corpus and the historical context of literary production, we structured our research into three sections: Contextualizing spaces, chapter this subdivided in two topics destined to discuss, respectively, the narrative and the context of literary production, ii. Migration and the process of deterritorialization: theoretical considerations and, finally, iii. *Sonâmbula* land: a process of deterritorialization and survival in times of war, at which point we will focus on the analysis of the corpus based on the theoretical discussions of previous topics. For that, we will use as theoretical contribution the contributions of Hall (2003, 2006), Bonicci (2005), among others.

Keywords: war; desterritorialization, sleepwalking, identity, Mozambique.

Sumário

Sumário

1	INTRODUÇÃO	12
3	MIGRAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	24
4	TERRA SONÂMBULA: PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA EM TEMPOS DE GUERRA	32
6	REFERÊNCIAS	46

O tempo passeava em mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios. No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas no longe. Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos (COUTO, 2007, p. 17).

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste na análise do processo de desterritorialização e na experiência migratória vivenciada pelas personagens Tuahir e Muidinga, no romance *Terra sonâmbula* (2007), do escritor moçambicano Mia Couto. A narrativa apresenta a Guerra Civil (1977-1992) como espaço ficcional que rege a problemática dos trânsitos, onde a personagem central, Kindzu, encontra-se em deslocamento devido à Guerra Civil. A pretensão de Kindzu ao deixar sua terra em busca era única: transformar-se em um guerreiro *napamarana*, lutar contra aqueles que haviam semeado a guerra no solo moçambicano. Todavia, no decorrer do enredo, em meio a sua viagem, Kindzu conhece Farida, mulher pela qual se apaixona e promete trazer de volta o seu filho perdido, o que modifica substancialmente o seu desejo primeiro ao retirar-lhe o seu papel de principal.

No tocante às demais personagens, Muidinga e Tuahir, a guerra os uniu. Tuahir, em um campo de refugiados, salva Muidinga de ser enterrado ainda com vida. O menino, envenenado após ingerir mandioca azeda, foi erroneamente dado como morto, e, ao receber os cuidados do velho Tuahir, reaprendeu os sentidos primeiros – andar, falar, comer –, mas a memória ainda lhe faltava. A guerra o forçava a fugir, mas era o desejo de descobrir as suas origens, quem era, que o impulsionava a andar.

Ao considerarmos o contexto histórico, político e social do período de produção desta obra literária, observamos a repercussão destes elementos externos sobre a construção narrativa, apresentando um enredo denso, repleto das aflições da guerra que entorpece todas as personagens, “seres sonambólicos”, em um país-pesadelo, e envolve emocionalmente os leitores. Nesta obra, primeiro romance publicado por Mia Couto, o autor consolida o seu projeto literário de representação das realidades moçambicanas, bem como concede a Moçambique e, por extensão, a todo o seu povo o direito à voz que a história os negou.

Em um contexto de guerra civil, após uma década em conflito bélico em busca da Independência (1974), as esperanças de reconstrução nacional foram despedaçadas, motivada pela disputa pelo poder, instaurada entre a Frente Nacional pela Libertação de Moçambique (FRELIMO) e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO). Mais do que duas instituições partidárias, estas organizações representavam ideologias que, em um contexto de Guerra Fria (1947-1991), o auxílio tático e armamentista de nações socialistas e capitalistas se fez presente.

Neste sentido, nossa perspectiva de análise adota como pressuposto duas consequências advindas do cenário literário para as personagens, posto que a guerra civil, ao mesmo tempo em que é apresentada como a força coatora que as obriga ao deslocamento, é, por consequência, responsável pelo sonambulismo identitário que assola as personagens em fuga. Neste incessante fugir das pólvoras, o vínculo afetivo que une as personagens ao solo pátrio vai sendo desgastado, impedindo-as de vê-lo como outrora e metamorfoseando-o em território alheio.

No tocante ao prisma analítico adotado, nosso estudo divide-se em cinco secções, sendo o primeiro capítulo, o momento em que apresentamos os componentes que estruturam a nossa análise e concedem à ela substancialidade, sendo estas: *corpus*, categoria analítica e fundamentação teórica. Após esta primeira etapa, realizaremos uma apresentação do enredo, através de uma sinopse da obra. E, por último, realizaremos um mapeamento da categoria analítica selecionada, a diáspora, destacando os seus reflexos sobre a identidade das personagens. Nesse primeiro capítulo, a intenção primeira centra-se na apresentação dos caminhos que percorreremos para estabelecer nossa categoria de análise e a sua viabilidade de aplicação no romance.

No segundo capítulo, subdividiremos a nossa discursão em dois momentos, sendo o primeiro destinado a contextualização da narrativa, onde apresentaremos o *corpus*. Posteriormente, apresentaremos ao contexto histórico de produção literária momento em que nos debruçaremos sobre a história da guerra civil, bem como os seus reflexos sobre Moçambique. As razões que motivaram destinar este espaço para a compreensão do contexto histórico justificam-se devido à sua importância para uma compreensão da historicidade discursiva que a obra possui. Ademais, a guerra civil de Moçambique representa, na narrativa, elemento condicionante para a existência do processo migratório e a fragmentação identitária das nossas personagens. Nesse sentido, compreender o momento histórico representado na obra, permite-nos dimensionar a sua complexidade e as suas consequências sobre esse país.

O terceiro capítulo, destina-se à explanação teórica a respeito dos fluxos migratórios acontecidos em solo moçambicano após a independência (1975), em decorrência da Guerra Civil que se instaurou. Nosso aporte teórico centra-se nas contribuições de Hommi Bhabha, contidas em seus livros *O local da cultura* (2007), bem como os livros *Da diáspora* (2009), *Identidade Cultural na pós-modernidade de Stuart Hall* (2006), os quais nos permitiram delinear nossos apontamentos críticos acerca da nossa categoria analítica.

Em nosso quarto, dedicamo-nos à análise do romance, momento em que delimitamos a nossa aplicação analítica com dedicação à personagem Kindzu, perpassando o deslocamento sofrido até a fragmentação identitária sofrida.

Após as considerações finais, o sexto capítulo, encerra a presente investigação com as referências que contribuíram para fixar nossa pesquisa em bases sólidas.

2 CONTEXTUALIZANDO ESPAÇOS:

a. NARRATIVA

António Emílio Leite Couto, mais conhecido pelo pseudônimo, Mia Couto, escritor e poeta moçambicano, apontado por Pires Laranjeira (1995a,p. 262) como “fautor de uma mutação literária em Moçambique, provocando polémica e discussão acesas”, propiciando ao cânone ocidental desestabilizações desde a sua primeira produção literária. Detentor de uma estilística própria, Mia Couto faz da sua prosa poética espaço de (re)discussão histórica e constituição identitária, através da presença das tradições próprias da cultura moçambicana.

Autor de dezessete romances¹, três antologias², sete livros de contos³ e cinco livros de crônicas⁴, possui o título de autor de maior alcance literário de África, o que se deve à sua numerosa produção literária e anualidade de publicações. No tocante ao mercado editorial brasileiro, não é contemplada a obra coutiana em sua integralidade, apresentando vinte e três livros em um total de vinte e cinco publicações.

Terra Sonâmbula(1972) é romance inaugural, publicado um ano após o final da Guerra Civil. A narrativa, por meio de narrativas superpostas, nos apresenta as suas personagens e suas histórias. O primeiro plano ficcional que compõe a narrativa,

¹*Terra Sonâmbula* (1972), *A Varanda Do Frangipani* (1996), *Mar Me Quer* (1998), *Vinte E Zinco* (1999), *O Último Voo Do Flamingo* (1999), *O Gato E O Escuro* (2001), *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* (2002), *A Chuva Pasmada* (2004), *O Outro Pé Da Sereia* (2006), *O Beijo Da Palavrinha* (2006), *Venenos De Deus, Remédios Do Diabo* (2008), *Jesusálem* (2009), *Pensageiro Frequente* (2010), *A Confissão Da Leoa* (2012), *Mulheres De Cinza* (2015) - *Primeiro Volume Da Trilogia: “As Areias Do Imperador”* - *A Espada E A Azagaia*(2016) - *Segundo Volume Da Trilogia “As Areias Do Imperador”* - e *O Bebedor De Horizontes*(2017) - *Terceiro Volume Da Trilogia “As Areias Do Imperador”*.

²*Raiz De Orvalho* (1983), *Tradutor De Chuvas* (2001) e *Poemas escolhidos* (2016)

³*Vozes Anoitecidas* (1986), *Cada Homem É Uma Raça* (1990), *Contos Do Nascer Da Terra* (2002), *Na Berna De Nenhuma Estrada* (2001) *O Fio Das Missangas* (2004), *Na berna de nenhuma estrada e outros contos* (2016) e *Opátio das sombras* (2018).

⁴*Cronicando* (1988), *O País Do Queixa Andar* (2003), *Pensatemos. Textos De Opinião* (2005) *E E Se Obama Fosse Africano? E Outras Interinvenções* (2009), *A menina sem palavra* (2013)

encontramos as personagens Muidinga e Tuahir, as quais, ainda no primeiro capítulo, encontram os cadernos-diário de Kindzu. Enquanto buscavam um lugar seguro para fazerem de abrigo e refugiarem-se dos bandos armados, as personagens deparam-se com um machibombo⁵ incendiado e visualizam nele uma alternativa de segurança. É nas imediações desse autocarro que esses diários são encontrados e Muidinga, o menino sem memória, mesmo desconhecido de suas habilidades com as letras, ao vê-las impressas nas anotações, reconhece-as e inicia este entrelaçamento narrativo que os familiariza ao ponto de as personagens Tuahir e Muidinga sentirem-se emocionalmente enlaçados com Kindzu⁶.

Os cadernos-diário contam toda a trajetória desta personagem, perpassando desde as turbulentas relações familiares e alcançando a sua partida em busca de ser um guerreiro *napamarana*, para lutar em defesa do seu país, e procura por Gaspar, o filho perdido de Farida, a sua amada. Como o feixe de luz da fogueira que ilumina a escuridão da noite, a leitura dos diários de Kindzu conduz os caminhos de Muidinga para a sua própria história.

As personagens que caminham entre as aspirações e o medo, buscam, a cada passo, reencontrar-se com sua história e (re)construir a identidade que a guerra insiste em apagar. Neste constante trânsito que parece não ter destino nem hora de chegada, as personagens Tuahir, Muidinga e Kindzu, por meio de suas histórias de viagem, revelam a situação que assolava Moçambique, retratando os horrores da guerra, em que o sonho é o único meio de fugir da cruel realidade de manter-se vivo em meio a destruição.

Após leituras do romance selecionado, realizamos um levantamento das passagens que faziam referência à categoria analítica. Podemos constatar que dos vinte e dois capítulos que compõem a obra, todos realizam menção ao deslocamento, sejam de forma explícita ou velada, os trânsitos perpassam a obra e a vida das personagens. Assim, destacamos que mesmo quando a personagem aparenta não estar em deslocamento, o desejo de partir se faz presente. A exemplo temos o capítulo intitulado “*Primeiro caderno de Kindzu - O tempo em que o mundo tinha a nossa idade*”, dedicado a apresentação da personagem que ainda residindo com seu clã, demonstra o seu interesse de partir, rompendo com as estruturas sociais que o mantinham em sua

⁵ Machibombo: autocarro, ônibus.

⁶ “Esse fidamãe desse Kindzu já vive quase conosco”(Couto, 2007,p. 90)

aldeia - seu pai e as tradições locais - e iniciando a sua jornada em busca de tornar-se um naparama.

Destarte, observamos que a temática adotada para compor a nossa categoria de análise compõe toda a narrativa de modo integral, o que nos possibilita compreender a problemática da desterritorialização sofrida pelas personagens e os seus impactos sobre elas.

Dentre a vasta obra coutiana, a primeira condicionante de seleção do *corpus* baseou-se no acesso às obras, ou seja, nosso primeiro recorte adotou como critério a publicação no Brasil. Dos doze romances publicados, podemos observar que a temática das migrações compõe a trama narrativa de quatro obras, sendo estas: *Terra sonâmbula* (1972), *A varanda do Frangipani* (1996), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002) e *O outro pé da sereia* (2006).

Todavia, apenas na obra *Terra sonâmbula* (1972), o autor concede ao deslocamento realizado pelas personagens um caráter de continuidade durante toda a obra, não havendo nenhum momento em que as personagens não se encontrem em trânsito ou prestes a transitar. Ademais, destacamos que, na referida narrativa, o autor constrói um novo olhar acerca da locomoção perpetrada pelas personagens, posto que não se dá de fora para dentro, nem tampouco de dentro para fora, mas sim no próprio espaço geográfico de Moçambique, o que compreendemos como sendo um movimento diaspórico *sui generis*, sendo estes trânsitos migratórios internos.

A perspectiva de leitura que a obra nos concede encontra-se associada à categoria de análise que norteia as discussões do nosso trabalho. A abordagem singular da temática diaspórica nos permite compreender de forma ampla as repercussões da guerra sobre aqueles que, mesmo estando em um contexto de guerra civil, não viam como uma alternativa sair de Moçambique. Nesse sentido, nosso enfoque será dado na forma como o processo de desterritorialização vivenciado pelas personagens Kindzu e Muidinga repercute sobre a sua compreensão do que Moçambique se tornara, bem como repercussão desse olhar de não reconhecimento sobre a sua identidade.

b. HISTÓRIA

Diante da guerra, as palavras tornam-se acessórias. Entretanto, o silenciamento histórico diante da guerra civil moçambicana trouxe consigo consequências. Questionar a omissão histórica acerca de fato tão sensível a África, qual seja os efeitos danosos trazidos pela ação colonialista⁷, e a toda a humanidade, provoca-nos a sair da inércia reflexiva e construir ponderações que motivem este injustificável calar. Conforme Mary Pratt (1992), é necessário a “descolonização do conhecimento” para que posturas autoritárias não continuem a produzir efeitos sobre os saberes, sendo assim, necessário “sair da caverna colonial”.

Neste contexto, as literaturas africanas surgem embebidas de marcas históricas e se apresentam como um grito incalável, disposto a conceder voz e escuta aos até então silenciados. Bhabha (1998) aduz que o texto literário necessita do caráter dialético, bem como precisa considerar a heterogeneidade da práxis social. Sendo assim, a sua articulação textual deve ser aberta às contribuições externas, posto que a forma artística é, para ele, impregnada de marcas sociais e históricas.

Todavia, é necessário compreender que a produção estético-literária não se restringe apenas à retratação histórica. Neste sentido, conforme Candido (2000), “o estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estrutura, superando-se deste modo o hiato frequentemente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas”. (2000, p.172).

Retomando as problemáticas históricas, Mia Couto, em entrevista, deixa transparecer a sua indignação com o silêncio acerca da guerra civil, convidando-nos a repensar as literaturas produzidas em Moçambique, e em toda África

Uma coisa que me aflige, que me aflige muito, é que Moçambique passou estes dezesseis anos de guerra, perdeu um milhão de pessoas e nós somos só dezessete milhões, portanto foi um momento muito sofrido, um momento de luto. Nós ainda não fizemos o luto e de repente Moçambique esqueceu-se, se fores hoje a Moçambique ninguém fala do que se passou. É uma esponja que passou ali, não há resquícios. E isso não é bom, quer dizer, isso significa que nós perdemos aquilo que deixou de ser nosso, nós temos que ter acesso àquela memória. E os escritores podem ter aqui um outro papel ao

⁷ Adesão ao pensamento de Aimé Césaire em Discurso sobre o colonialismo (1978).

escrever, ao abrir portas, ao fazer uma espécie de catarse sobre esse momento⁸.

Neste sentido, o autor pontua que “todas as mudanças profundas na consciência, pela própria natureza, trazem consigo amnésias típicas. Desses esquecimentos, circunstâncias históricas específicas, nascem as narrativas”(2008, p.278). Assim, as literaturas africanas, apresentam-se como uma forma de diálogo que possibilita registrar, rememorar, além de exorcizar dos fantasmas do colonialismo, consolidando, por meio da prosa e do verso, a memória e as identidades africanas. Em *Terra Sonâmbula*, obra publicada em 1972, ano que finda a guerra civil, demonstra-se, em meio à poeticidade característica de Mia Couto, as dores de uma Moçambique despedaçada. Ao lermos a retratação literária produzida pelo referido autor em nosso *corpus*, observamos que a guerra civil alastrou-se no território moçambicano como uma doença em um corpo frágil. Moçambique transformou-se em um país onde “o céu se tornara impossível. E que os viventes acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte”(Couto, 2007, p.9).

Compreender as causas que levaram ao confronto civil em Moçambique nos convida a adentrar no trauma coletivo que esse fato histórico é para a nação. A guerra civil instaurada em solo moçambicano não congregou em si razões étnicas, mas sim decorreu de fatores exógenos, sendo, nas palavras de Kindzu, “uma confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios” (Couto, 2007, p.17), nascida logo após a independência de Moçambique. Neste quadro de guerra, em que a visualização do real inimigo tornou-se opaca, acarretando uma luta de todos contra todos e tendo como alvo os civis.

Após a sua independência até a assinatura do Acordo Geral de Paz, em Roma, na data de 4 de Outubro de 1992, Moçambique tem a guerra civil como representante de um dos períodos mais conturbados da sua história. Esse conflito, também conhecido como Guerra de Desestabilização, fruto da discordância política entre o então governo, representado pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e a resistência a ele, a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), dividiu o país e transformou-o em um campo de batalha.

⁸ https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2047&titulo=Mia_Couto_revisitado. Acesso em: 18/09/2018.

A FRELIMO, fruto da união de diversas frentes que se insurgiram contra o sistema colonialista, assumiu em 25 de Junho de 1975 o governo de Moçambique, por meio de uma eleição intrapartidária, elegendo como chefe de Estado Samora Machel. Mia Couto, integrante da FRELIMO, em entrevista⁹, descreveu o que, para o povo moçambicano, foi o dia 25 de junho, o dia da Independência:

No dia da independência de Moçambique, eu tinha 19 anos. Alimentava, então, a expectativa de ver subir num mastro uma bandeira para o meu país. Eu acreditava, assim, que o sonho de um povo poderia traduzir numa simples bandeira. Em 1975, eu era jornalista, o mundo era minha igreja, os homens minha religião. E tudo era ainda possível na noite de 24 de junho, juntei-me a milhares de outros moçambicanos no estádio da marchava para assistir à proclamação da independência nacional. Anunciada na voz rouca de Samora Moises Machel. O anúncio estava previsto para a meia-noite em ponto. Nascia o dia, alvorecia um país. Passavam 20 minutos da meia noite e ainda Samora não emergira no pódio. De repente a farda guerrilheira de Samora emergiu entre os convidados. Sem dar confiança ao rigor do horário, o presidente proclamou: “Às zero horas de hoje, 25 de junho ...” um golpe de magia fez os ponteiros recuarem. A hora ficou certa, o tempo ficou nosso.

Com a independência, todos aqueles e aquelas que lutaram por ela, acreditavam na construção de um país. Moçambique nascia, contudo, deparava-se com um sistema político não recepcionado pela tradição local e pelos países fronteiriços, que viam na vertente marxista/socialista, implementada pelo novo governo, uma ameaça eminente. As dores do parto começavam a demonstrar o que estava por vir.

A política instaurada pelo então partido-governo, pautada na vertente marxista, tinha como objetivo o rompimento com tudo aquilo que remetesse à ordem colonial e às suas heranças. Devido ao sistema político adotado e o rumo socialista dado ao país pela FRELIMO, o número de opositores ao então partido-Estado tornou-se crescente e aos poucos se constituiu em uma resistência organizada. Dentre os contrários, somavam-se os antigos colonos portugueses que haviam perdido seus bens e regalias com a nacionalização de alguns setores da economia, ex-integrantes da FRELIMO que, por discordâncias, romperam ou foram expulsos do partido, e o apoio internacional de países como África do Sul e Rodésia (atual Zimbábue) em contra resposta ao apoio fornecido por Moçambique a movimentos de resistências, bem

⁹ Entrevista retirada do site: https://www.resistir.info/afrika/mia_couto_suica.html. Acesso em 10 de agosto de 2018.

como ao bloqueio econômico proposto em 1976 a Rodésia. É válido ressaltar que a conjuntura política global se encontrava submersa na Guerra Fria estabelecida no pós II Guerra Mundial, o que torna confrontos como a guerra moçambicana integrante de um contexto de disputa ideológica mundial.

A constituição de uma resistência a FRELIMO deu-se com o apoio bélico e logístico da Rodésia e da África do Sul, em que ambos cederam espaço físico para treinamento militar, bem como o fornecimento de armas. É neste cenário que a RENAMO nasce. De acordo com Temudo (2005), a RENAMO era “uma organização política-militar que não possuía uma ideologia claramente definida. A sua propaganda estruturava-se em torno de uma oposição explícita a FRELIMO”. (TEMUDO, 2005, p.34).

Alguns desvios cometidos pela gestão da FRELIMO fortaleceram a RENAMO, que soube aproveitar sem medida as benesses. Na tentativa de construir um novo país e de romper com tudo aquilo que remetesse à ordem colonial em nome da modernidade, a FRELIMO proibiu as manifestações culturais e religiosas próprias da tradição moçambicana. A negação da tradição rendeu uma forte oposição dos moradores da área rural que se filiaram a RENAMO e impuseram suas armas. Peter Fry (2003), em seu artigo *Culturas da Diferença* analisa a adesão de parte das comunidades a RENAMO:

O livro de Geffray afirmava que, ao contrário da versão oficial, grupos inteiros sob a liderança dos anciões de linhagens específicas deixaram espontaneamente áreas controladas pela FRELIMO para unir-se à RENAMO. Ele argumentava que esses grupos eram precisamente os que foram excluídos tanto pelo estado colonial quanto pelo governo da FRELIMO. A RENAMO deu-lhes a oportunidade de usar armas e violência para se colocarem fora do controle do que ele chamava o “Estado Aldeião”, referindo-se à política de destruir a organização política e residencial prévia, para construir “aldeias comunais”. Segundo ele, num sentido mais amplo, a guerra alimentou-se também da exclusão das áreas rurais a favor das cidades, as quais, com “seus habitantes alfabetizados, educados e lusófilos, pertenciam à FRELIMO” (FRY, 2003, p.298).

As proibições impostas pelo governo fizeram recair sobre ele as causas da guerra. A RENAMO, consciente do descontentamento das camadas mais tradicionais da sociedade moçambicana, apresenta-se como um caminho de valorização e manutenção da tradição diante das políticas modernizadoras propostas pela FRELIMO.

Em 1983, novos rumos passaram a dar à guerra sensíveis alterações, sendo estes o Acordo de Nkomati¹⁰ e a abertura do capital para investimento estrangeiro, e conseqüentemente, desestabilizaram o apoio internacional recebido pela RENAMO, pois Moçambique não era mais um “perigo socialista” a ser combatido. Após a intervenção da comunidade internacional, enquanto instância mediadora de conflitos, a paz retornou ao solo moçambicano. O Acordo Geral de Paz foi assinado na cidade de Roma.

No Acordo Geral de Paz, entre o presidente de Moçambique Joaquim Chissano e o líder da RENAMO Afonso Dhlakama, ficou definido, dentre outras coisas, que haveria a garantia dos direitos básicos individuais, tais como: liberdade religiosa, e de opinião; pluralismo partidário, eleições livres e secretas, respeito aos direitos civis e humanos; e anistia a presos políticos.

Em 1992, Moçambique sai da guerra com o título de um dos países mais pobres do mundo. Arrasado pela destruição dos combates e marcado pelos problemas das minas, que continuaram a fazer vítimas mesmo após o Acordo de Paz. As conseqüências da guerra foram desastrosas, conforme nos revela Campos (2012)

A guerra realizada em Moçambique terminou com um saldo de um milhão de pessoas mortas. Cerca de 3.737.000 foram deslocadas para outras áreas, fugindo dos combates. Mais de 1.600.000 se refugiaram em seis países vizinhos. Além disso milhares de pessoas perderam suas casas, terras e formas de subsistência. Até hoje um grande número de indivíduos continuam perdendo suas vidas em decorrência das minas existentes no território moçambicano. A economia foi abalada gravemente em razão da destruição de partes importantes da infraestrutura e da impossibilidade de realizar a produção agrícola (base da economia), já que os conflitos se davam preponderantemente nos espaços rurais. O crescente número de mortos e desabrigados exigia que o governo propusesse uma resolução do conflito, para que não houvesse condições de voltar a sonhar com um país. (Campos, 2009,p. 88)

O caos social instaurado pelo conflito fez com o êxodo dos campos se apresentar como uma alternativa para aqueles que buscavam refúgio. Contudo, a crescente demanda migratória afundou o país em uma crise econômica que dependia basicamente da produção agrícola como sustentação. Enquanto a concentração de

¹⁰ Acordo bilateral estabelecido entre a África do Sul e Moçambique, no qual a África do Sul se comprometia a abandonar o apoio militar à RENAMO e Moçambique a não apoiar as forças revolucionárias contra o governo sul-africano.

peçoas nos centros urbanos agravava a situação caótica que Moçambique enfrentava, onde a miséria e a fome havia se instalado.

A literatura produzida durante o período da guerra civil de Moçambique é uma forma de manter viva na memória o passado e as dores provenientes dele, bem como uma maneira de resistência social e concretização da história nacional. Rememorar a guerra é uma tentativa de visitar o passado, reescrever uma história diferente da história dita oficial, ouvir uma história até então desconhecida, marginalizada, silenciada.

3 MIGRAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A presença dos movimentos migratórios na história humana tem como marco emblemático o movimento de dispersão iniciado pelos hebreus no século VI a.C. e relatado no Antigo Testamento, mais precisamente, no livro bíblico do Êxodo. Tal história narra o momento que Moisés conduz a volta do povo eleito à Terra Prometida, livrando-o do cativeiro e da escravização, bem como as repercussões dessa cultura cristã sobre o imaginário dos povos que, diante o legado de destruições deixado pelo colonialismo, veem-se obrigados a migrar e sonham com um “retorno redentor” (Hal,2003, p.28).

No tocante à seara acadêmica, ao analisarmos a diáspora enquanto objeto de estudo, observamos, sem reserva, que a mesma apresenta bases sólidas na tradição das investigações científicas quando nos referimos aos fluxos migratórios dos povos gregos, armênios e hebraicos. Todavia, quando nos dedicamos aos processos de desterritorialização contemporâneos, em especial, os ocorridos em África, muito há o que ser discutido e problematizado, conforme destaca Ferreira (2008), posto que existe uma grande lacuna na análise e avaliação destas diásporas, principalmente no que se dedica a analisar os reflexos sobre os países de origem.

Este abismo proveniente da análise isolada, que reduz a diáspora a um fenômeno humano e despreza a figuração do colonialismo como mola propulsora, impede a compreensão das repercussões sociais sobre o continente e o povo africano. As primeiras marcas da ganância imperialista encontram-se desde o primeiro contato com África, há cinco séculos, quando iniciaram sob a égide da “formação civilizacional”, uma caçada à dignidade do povo negro. *A priori*, o genocídio cometido contra aqueles que não se curvavam, os desmandos dos colonizados associados ao sequestro e à escravização do povo africano, sob o mito da superioridade racial, foram os primeiros atos que mancharam as mãos europeias e a história ocidental com sangue negro.

Em decorrência das atrocidades cometidas pelo sistema de exploração colonialista, que perduraram de forma sistemática até metade do século XX – e que perduram até os dias de hoje de forma simbólica, através do capital – as comunidades africanas, submersas em uma condição de miserabilidade, iniciam a sua empreitada pela sobrevivência. A Guerra pela Libertação Colonial, a Guerra Civil e a fome são alguns dos agentes que coagiram o povo africano a migrar em busca de manterem-se vivos. Neste sentido, Stuart Hall, em *Da diáspora: identidade e mediações culturais* (2003) apresenta estes elementos sociais e os apresenta como condicionantes sociais para a diáspora, sendo estes “os legados do império [...] capazes de forçar as pessoas a migrar, dispersando-se” (Hall, 2003, p.28).

Destarte, a perspectiva deste estudo que objetiva analisar a representação literária dos fluxos migratórios acontecidos em solo moçambicano após a independência, nos permite (re)pensar as condicionantes deste processo, bem como os seus efeitos sobre as personagens, compreendendo-as como representação do povo moçambicano. Temática sensível nos círculos de Estudos Culturais, mais especificamente nas discussões pós-coloniais, o espaço literário nos propicia uma compreensão dos engendramentos sociais e das configurações de poder que incidem e repercutem sobre questões ontológicas, como a identidade, de acordo com o destacado no capítulo anterior, a história insiste em tentar silenciar.

Neste sentido, o primeiro passo a ser dado para compreender os significados e significações que uma palavra carrega em sua completude e não correr os riscos de cair em interpretações reducionistas é buscar a sua origem etnológica e seu significado primeiro. Thomas Bonicci, em *Conceitos-chave da teoria pós-colonial* (2005) inicia o seu percurso analítico acerca da diáspora tomando como ponto de partida a origem do termo de origem grega, que significa semear, dispersão de pessoas. Neste sentido, atrelada à palavra diáspora, encontramos a ideia de deslocamento, a qual pode ser compreendida por duas perspectivas distintas a depender do espaço geográfico que esta dispersão se destina, conforme preceitua Bonicci ao retomar o pensamento de Spivak (1996), sendo estas possibilidades de dispersão compreendidas pela autora como uma diáspora pré-transnacional ou transnacional:

A primeira aconteceu quando aproximadamente onze milhões de escravos entre os séculos 15 e 19 foram deslocados de suas terras e colocados nas Américas para trabalhar nas fazendas do Novo Mundo. A diáspora transnacional inclui trabalhadores de indenturedlabour no

século 19, e deslocamentos contemporâneos por causa da fome, guerra civil, desemprego, prostituição, sedução do mundo industrializado (SPIVAK apud BONICCI, 2005, p. 23).

No primeiro caso, este movimento de dispersão pode ser motivado por questões vinculadas à vontade do indivíduo, como exemplo, o deslocamento de grandes massas populacionais em busca de melhores condições de vida, ou seja, mesmo existindo fatores estimuladores para a saída destes sujeitos, a autonomia, mesmo que mitigada, ainda existe.

Em contramão, as motivações externas ao sujeito, dizem respeito às imposições sociais que apresentam o deslocamento como o único caminho para sobreviver. A título exemplificativo, trazemos os conflitos bélicos e as perseguições religiosas. Neste caso, a autonomia, ou seja, a liberdade de escolha entre ir e ficar é inexistente, os riscos em permanecer ameaçam não apenas a estabilidade social, mas também a vida dos indivíduos. Assim, a diáspora transcontinental, apresenta, de forma latente, o processo de desterritorialização ao congregar em si forças coatoras que obrigam o sujeito a podar as suas raízes e a deslocar-se.

Todavia, as raízes são apenas podadas, mas nunca extirpadas. A diáspora, mesmo sendo compreendida como dispersão, saída da terra-casa, continua na constituição do indivíduo através da sua identidade, em um apego inquebrável que transcende as problemáticas espaciais e alcança questões ontológicas de construção do ser. As crenças, a identificação, com a cultura de origem, a língua, o sentimento de pertença ou de um dia querer regressar a terra de origem, algum destes elementos sempre se apresenta nos sujeitos diaspóricos, impedindo um total desligamento com suas raízes, como afirma Chamberlain *apud* Hall, em sua obra *Narratives of the Exile and Return* (2003):

Os assentamentos negros na Grã-Bretanha não são totalmente desligados de suas raízes no Caribe. O livro *Narratives of Exile and Return*, de Mary Chamberlain, que contém histórias de vida dos migrantes barbadianos para o Reino Unido, enfatiza como os elos permanecem fortes. Tal qual ocorre comumente às comunidades transnacionais, a família ampliada – como rede e local da memória – constitui o canal crucial entre os dois lugares. Os barbadianos, sugere ela, têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é a “terra de origem” e tentado preservar uma “identidade cultural barbadiana” (HALL, 2003, p. 26).

Assim, conforme preceitua Hall (2003, p.27), na situação de diáspora as identidades se tornam múltiplas. Não podemos mais pensar o conceito de identidade de forma redutora, fechado em si mesmo. Os essencialismos identitários que compreendem a identidade cultural enquanto núcleo indissociável do sujeito que concede o certificado de autenticidade de sua origem e pertença com a “tribo” entra em declínio com a ascensão da compreensão acerca das influências identitárias sobre as comunidades diaspóricas.

Neste sentido, o referido teórico, destaca o conceito fechado de tribo, apresentando a sua não aplicabilidade em um contexto de câmbio e contato cultural e o seu caráter mítico.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido e estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical e o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade as origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". E, claro, um mito — com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado as nossas vidas e dar sentido a nossa história. (Hall, 2003, p. 29)

Nesta perspectiva, a identidade cultural se mantém vinculada ao sujeito como parte constituinte de sua individualidade e autenticidade para com a sua cultura e tradição, sendo, portanto, capaz de conferir significados e valorações, bem como modular o imaginário social e as ações deste povo. A ideia de singularização dos sujeitos contidas no mito da unidade cultural confere aos povos diaspóricos a ilusão da não interferência cultural de outros povos. Todavia, objetivando alicerçar suas considerações acerca do caráter mítico deste pensamento Hall (2003), afirma ainda que:

Os mitos fundadores são, por definição, transistóricos: não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente aistóricos. São anacrônicos e tem a estrutura de uma dupla inscrição. Seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda está por vir. Mas funcionam atribuindo o que predizem a sua descrição do que já aconteceu, do que era no princípio. Entretanto, a história, como a flecha do Tempo, é sucessiva, senão linear. A estrutura narrativa dos mitos é cíclica. Mas dentro da história, seu significado é frequentemente transformado- (Hall, 2003, p. 30)

Neste sentido, podemos compreender a forte influência do texto bíblico e da esperança despertada por ele de um retorno glorioso à terra-mãe. A crença neste eterno

porvir, tendo o hoje preso a um distante passado, representa a espera do fechar do tempo cíclico próprio das narrativas míticas.

A ruptura promovida pelo pensamento de Stuart Hall, nos convida a refletir acerca do paradoxo entre pátria e identidade cultural, no contexto de dispersão, posto que o conceito fechado de tribo não mais se aplica sobre as sociedades dispersas, nem tampouco sobre as sociedades contemporâneas. No contexto de deslocamento, pensar as identidades submersas em uma relação de poder nos permite compreender que o caráter ontológico, anteriormente concedido às questões identitárias, perpassa, antes, por problemáticas históricas.

A formação das sociedades encontra-se inscrita em relações de poder, constituídas pela dominação, diferença e assimilação. Pois, como bem afirma Hall, “nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos”(2003, p.30), onde aqueles a quem originalmente pertencia foram há muito dizimados, sua terra violada e do seu povo esvaziada. Como resultado desta disputa de forças temos o que Mary Prantt conceituou como transculturação, em que os "grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante".

É nesse processo decorrente de *zonas de contato* (PRATT, 1999) que os povos em contato com outras culturas adotam e reinventam e se apropriam de marcas culturais dos que contra ele exercem subordinação. Neste sentido, Pratt *apud* Hall (2003) define como zonas de contato:

(...) aquilo que chamamos ‘zonas de contacto’, espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos praticados em todo o mundo (PRATT, 1999, p. 27).

O contato entre culturas possibilita a criação de câmbios culturais, o nascimento e existência do hibridismo, do multiculturalismo. Em cenário de tensões, posto que em contextos de subordinação, como foi o colonialismo em que as trocas culturais se comportaram, em um primeiro momento, obedecendo a um caráter impositivo, baseado nas relações de poder entre colonizador e colonizado, metamorfoseando esta zona de contato em zona de conflitos. Todavia, destacamos que os diálogos culturais provenientes destes contatos apresentam caráter específico e comportam uma estética

diaspórica própria, pautada no sincretismo e apropriação crítica de elementos culturais (Hall, 2003, p.34).

Assim, podemos compreender as interseções culturais e identitárias como um reflexo sobre os sujeitos que se encontram em dispersão, mas que não os obriga a abandonar suas origens, nem tampouco a adotar a cultura de contato como sua. Os reflexos culturais destas influências nascem e são incorporados na cultura de forma consciente e voluntária, rompendo com as invisíveis fronteiras e suas determinações. Neste sentido, conforme afirma Hall (2003, p.26), os povos e, por extensão, tudo que os representa, não começam nem terminam em fronteiras facilmente distinguíveis, neste cenário de aproximações e distanciamentos, entre os vizinhos e a pátria distante, estes também exercem influência sobre a constituição do sujeito e sua identidade cultural. Hall (2003, p.26) ampara-se nas contribuições de Benedict Anderson ao compreender como não estanque o sentimento de pertença, constituído, a partir de um “sujeito imaginado”, que por sua vez faz parte de uma “comunidade imaginada”, que está “sempre em jogo”.

Destarte, as identidades diaspóricas, devido às suas particularidades, a exemplo de tradições, costumes, línguas e ritualísticas próprios, podem ser compreendidas como unidades singulares em meio a sua identidade cultural originária. No momento em que há o evento migratório ou de intersecção com outro povo ou cultura, ocorre, então, o câmbio cultural que fomenta a compreensão de identidade de contato. Assim, devemos compreender as complexas relações estabelecidas de forma única em cada processo diaspórico específico, observando sempre o povo disperso e o espaço geográfico por ele ocupado e as transações culturais estabelecidas ao longo desses processos de ações. Assim, temos que:

diáspora não nos remete a estas tribos espalhadas cujas identidades somente podem ser obtidas em relação a uma terra sagrada onde têm que voltar custe o que custar [...]. Isto é a velha forma imperializadora e hegemônica de “etnicidade”. [...] A meu ver, a experiência diaspórica é definida, não por essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma heterogeneidade e diversidade necessária; por uma concepção de “identidade” que vive não apesar, mas com e através da diferença; por hibridismo. As identidades diaspóricas são aquelas que constantemente se produzem e reproduzem de novo por meio de transformação e diferença (Hall, p. 2003)

Bhabha, em *O Local da Cultura* (2011) apresenta o multiculturalismo enquanto reflexo proveniente dos processos diaspóricos que refletem diretamente na constituição

identitária dos sujeitos que, não mais se reconhecendo com o seu lugar de origem, não conseguem visualizar seus reflexos na cultura de contato, sendo assim considerado como o entre-lugar, já que o indivíduo não se apresenta mais homogêneo no seu marco cultural. Agora, imerso noutra realidade, comunga dos ideais e práticas desse novo espaço social e político. Sendo assim, não pertence mais ao seu lugar originário, como também não pertence ao novo lugar que optou ou necessitou viver, passando, então, a ser um sujeito dividido entre mundos, quantos sejam os que ele transitou.

O pensamento de Bhabha dialoga com os estudos de Mary Chamberlain, esta citada por Hall, que, em pesquisa, coletou depoimentos de migrantes caribenhos no Reino Unido. Como resultado possível de extração, a principal dificuldade destacada por eles consiste nos entraves quanto a retomarem as suas sociedades de origem, posto que mesmo existindo uma vinculação sentimental, esta terra não mais se apresenta como reconhecível:

Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente (CHAMBERLAIN *apud* HALL, 2003, p.27).

Ademais, a sensação de deslocamento sentida por estes sujeitos, conforme destaca Chamberlain, não cessa mesmo quando há o regresso, pois, como sentenciamos a mesma, ocorre aqui a sensação de “estar no meio do caminho”, não mais pertencendo ao antes, tampouco ao depois. É nesse *between* (CHAMBERLAIN *apud* HALL, 2003) que o sujeito pós-colonial e de natureza migratória se encontra, ou se perde.

A não identificação com a pátria imaginada reflete a quebra da identidade deste sujeito e a sua composição multicultural, realidade plenamente identificável na personagem Kindzu, como analisaremos posteriormente. A não correspondência com a nação que existe apenas em sua mente com as práticas culturais aprendidas e incorporadas, lançam os sujeitos em dispersão a um entre-lugar que não permite o retorno às suas origens, nem tampouco o completo abandono, já que o mesmo novo espaço pós-independência apresenta padrões culturais diversos da sua realidade de outrora.

4 TERRA SONÂMBULA: PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA EM TEMPOS DE GUERRA

O romance, em suas primeiras linhas, delineia um cenário de morte e desesperança que assola o espaço narrativo e anuncia todo o porvir:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Em cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão. Em resignada aprendizagem da morte. (COUTO, 2007, p.9)

Ao abordar “a resignada aprendizagem da morte”, o autor nos permite dimensionar a situação de opressão e violência que assolava o território moçambicano perpassando desde o período das lutas pela libertação a reinserção em um contexto bélico. Conforme discutido no capítulo II do presente estudo, a independência de Moçambique, com a assinatura do acordo de paz entre a FRELIMO e Portugal, não libertou o país do cenário de guerra. Moçambique independente, livre dos confrontos com a antiga metrópole, adentra em um cenário de conflito interno pela disputa do poder, sendo este figurado pelos partidos FRELIMO e RENAMO, tendo fim apenas em 1992.

Entretanto, a estrada morta, apresenta-se na narrativa sendo mais do que um não-lugar ou obstáculos para os planos para o futuro longe deste caos. Este espaço narrativo, como todos os demais, nos permite compreender os entraves culturais enfrentados pela personagem através dos encontros entre as tradições moçambicanas com os valores contemporâneos que marcam este novo tempo pós-independência.

Cercados por este cenário de guerra, onde a devastação e a ressignificação de valores culturais estão presentes, o autor nos apresenta o miúdo Muidinga e o velho Tuahir, “que fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. [E] que vão na ilusão de, mais além, haver refúgio tranquilo” (COUTO, 2007, p.9). Nesta estrada morta, em busca de manter-se vivos, as personagens seguem deambulando em meio aos destroços. Ao encontrar um machimbombo¹¹ incendiado, a esperança de enganar os vivos ao se fantasiarem de mortos os faz adotar este cemitério com rodas como refúgio.

Nos arredores do autocarro, que agora é esconderijo, as personagens encontram, ao lado de um corpo uma mala contendo alguns manuscritos, diários de viagem de um jovem moçambicano que sonhava em lutar pelo seu país. É neste encontro inusitado que as histórias e vivências das personagens se entrecruzam com a do jovem Kindzu. Os seus diários começam a compor a caminhada dos viajantes, unindo universos diversos de sujeitos que buscavam compreender e constituir suas identidades, seus lugares, entrelugares e não lugares em um contexto pós-colonial de um país estilhaçado.

Em seu diário, Kindzu relata a sua busca para tornar-se um guerreiro *naparama* e lutar em defesa de Moçambique. Em seu primeiro caderno, o jovem escritor de sua história, apresenta os caminhos que percorreu durante a sua viagem, desde o momento que decidiu romper com as tradições, ao desobedecer as ordens do seu pai, o velho Taímo e sair da sua tribo. Neste desligamento ocasionado pelas circunstâncias da guerra, nossa pesquisa detém-se a analisar este processo de desterritorialização e desfragmentação identitária sofrida pela referida personagem.

No tocante à fragmentação dos laços geracionais, mais especificamente os vínculos familiares, a personagem, ainda em seu primeiro diário, confia a ruptura com as ordens do seu pai. Após sucessivas perdas, Kindzu encontra nos *naparama* a esperança de por fim a todo o sofrimento ocasionado pela guerra.

A primeira perda vivenciada pela personagem é o seu irmão mais novo, Junhito – nome dado em homenagem à independência de Moçambique, 25 de junho de 1975. Taímo, que “sofria de sonhos”, enquanto sonambólico acreditava experienciar contatos com um futuro, acreditava que seus sonhos eram, na verdade, premonições. Em um desses sonhos, Taímo, afirma que a paz só reinará quando o sangue de algum dos seus familiares for derramado, na tentativa de driblar a morte, coloca seu filho no galinheiro

que acaba sendo saqueado e o menino desaparecendo. A referência utilizada pelo autor, estratégia alegórica ao dia da independência de Moçambique trazida no nome da personagem, evidencia que, mesmo Moçambique tendo nascido, encontrava-se em risco, a tal ponto de desaparecer em meio à guerra.

Outro fator que impulsionou a saída de Kindzu de sua tribo foi o falecimento do seu pai, logo em seguida a recusa de sua mãe para com ele. Afirma, sem lapidações, o seu desamor para com a presença dele ao dizer que: “Todos foram, ficaste só tu, Kindzu. Logo tu, o pior” (COUTO, 2007, p.22). A cadência destes acontecimentos repercutiram sobre Kindzu, de tal forma que a sua tribo, que outrora era compreendida como casa, transfigura-se em não-lugar após a desestruturação dos seus laços familiares, adentrando em um estado de letargia e tristeza profunda, capaz de despertar o sentimento de não mais identificação com aquele lugar.

Enquanto me preguiçava sem destino, ia ouvindo os ditos da gente: esse **Kindzu apanhou doença da baleia**. Falavam da grande baleia cujo suspiro faz o oceano encher e minguar. Minhas parecenças com o bicho traziam lembranças do antigamente: nós, meninitos, sentados nas dunas. [...] **certa vez, desaguou na praia um desses mamíferos, enormão. Vinha morrer na areia. Respirava aos custos, como se puxasse o mundo nas suas costelas. A baleia moribundava, esgoniada.** O povo acorreu para lhe tirar carnes, fatias e fatias de quilos. Ainda não morreria e já seus ossos brilhavam no sol. Agora, eu via o meu país como uma dessas baleias que vêm agonizar na praia. A morte nem sucedera e já as facas lhe roubavam pedaços, cada um tentando o mais para si. Como se aquele fosse o último animal, a derradeira oportunidade de ganhar uma porção. De vez enquanto, me parecia ouvir ainda o suspirar do gigante, engolindo vaga após vaga, fazendo da esperança uma maré vazando. **Afinal, nasci num tempo em que o tempo não acontece.** A vida, amigos, já não me admite. **Estou condenado a uma terra perpétua, como a baleia que desfalece na praia. Se um dia me arriscar num outro lugar, hei-de levar comigo a estrada que não me deixa sair de mim.** (COUTO, 2007, p.22-23)

Nesta situação, em que a estrutura familiar que concedia todo o aporte que Kindzu necessitava, o desfazimento dos laços ocasiona, em consequência, uma ruptura identitária no jovem. Assim, podemos observar que esse lugar familiar, transformado em não-lugar pela guerra, impulsiona e condiciona a viagem de Kindzu. Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), destaca que estas crises de fragmentação identitária são provenientes de abalos dos quadros de referência que concediam ao indivíduo uma ancoragem estável no mundo, ou seja, uma identificação com o seu entorno. Devendo ser compreendido como um processo mais amplo, em que

estruturas centrais perdem o seu lugar, a crise identitária comporta um reflexo das mudanças sociais, bem como das rupturas com os padrões e delimitações socialmente construídas.

Na narrativa, essa fissura apresenta suas primeiras linhas com o desmantelamento da unidade familiar de Kindzu. Posteriormente, como podemos observar na narrativa, acontecimentos como o assassinato do seu tutor, do mestre, do pastor Afonso e a partida do seu amigo indiano Surendra Valá, todos estes motivados pela guerra e pelo cenário de desestabilização criado por ela, Kindzu sente-se igualmente ao seu país: “agonizando a beira da praia” (COUTO, 2007, p. 23). Em situação de desespero diante dos sucessivos fatos que roubavam-lhe o desejo de ficar, nasce o desejo de juntar-se aos *naparamas*, romper com as raízes que o mantinham preso em meio ao cenário de destruição que assolava a sua aldeia, como afirma a personagem:

Nesse desespero me veio, claro, um desejo: me juntar aos *naparamas*. Sim, eu queria ser um desses guerreiros de justiça. Já me via, tronco despido, colares, fitas e feitiços me enfeitando. Sacudi a ideia, tocado pelo medo. Eu me dividia entre a escolha de um destino de briga e a procura de um cantinho calmo, onde residisse a paz. **Afinal, eu estava como dizia o cantador da aldeia: no sossego, sou cego; na timaca (Timaca: confusão, briga) não vejo.**

Qualquer que fosse minha escolha uma coisa era certa: eu tinha que sair dali, aquele mundo já me estava matando. A primeira vez que duvidei no assunto nem dormi. Meu pai me surgiu no sonho, perguntando: -

-Queres sair da terra?

- Pai eu já não aguento aqui. Fecho os olhos e só vejo mortos, vejo a morte dos vivos, a morte dos mortos.

- Se tu saíres terás que me ver a mim: hei-de-te perseguir, vais sofrer para sempre as minhas visões..

- Mas, pai... - Nunca mais me chames de pai, a partir de agora serei teu inimigo.

Eu queria falar-lhe mas ele saiu-me do sonho. Acordei transpirado do lençol à cabeça. Eu estava aterrorizado com a ameaça do espírito de meu pai. (COUTO, 2007, p.29)

A decisão de partir trouxe consigo as consequências, a maior delas a perseguição sofrida pelo espírito do seu pai que não permitia seguir em paz. Influenciado pelo contato cultural com o guerreiro *naparama*, mesmo sendo este encontro extremamente

rápido, o choque cultural em Kindzu foi capaz de hibridizá-lo¹². A crença nestes guerreiros do norte e nos poderes que pertenciam, seduziram os olhos e o coração do jovem rapaz que decididamente inicia a sua cruzada rumo a construir sua identidade guerreira.

Ao partir, Kindzu rompe com os conselhos cautelares e preventivos da tradição que primavam pelo não confronto, como podemos observar na citação acima. A partir do momento que a personagem lança-se na empreitada migratória, é perseguido por sonhos similares ao do seu falecido pai, o qual, reconstruído no inconsciente do filho, transforma-se em algoz e amaldiçoa-o por ter desobedecido a ele e às tradições, abandonando a casa-raiz abandonada. Após este primeiro sonho-revelação da suposta maldição paterna, Kindzu sofre com a descrença em sua caminhada, sendo envolta por desconfianças diante das possibilidades de criar instrumentos capazes de neutralizar a guerra e suas consequências da sua ruptura com as tradições, já que: “não podia alcançar nada do sonhado enquanto a sombra dele [de seu pai] me pesasse. A mesma coisa se passava com a terra, em divórcio com os antepassados. Eu e a terra sofríamos de igual castigo”. (COUTO, 2007, p. 45)

A ruptura com as tradições ocorre ainda em outro momento. Kindzu, ao procurar os homens mais velhos da aldeia, busca nas antigas sabedorias conselhos quanto ao seu de filiar-se aos guerreiros do norte

- Meu filho, os bandos tem serviço de matar. Os soldados tem serviço de não morrer. Nós somos o chão de uns e o tapete de outros
- Não é mais uma razão para me juntar aos guerreiros blindados?
- Deixa a guerra, filho, A morte só ensina a matar. (p,2007,30)

Mesmo diante do aconselhamento e das cautelas praticadas pelo seu povo, Kindzu decide tomar caminho oposto ao que lhe foi orientado e embarca na sua viagem de construção e desconstrução identitária. É o avelho adivinho de sua aldeia que revela as transformações que advirão neste novo tempo de trânsitos: “- tu vais separar dos teus antepassados. Agora tens de transformar num outro homem” (COUTO, 2007,p.32)

Ao seguir sua viagem, em busca de tornar-se um *naparama*, Kindzu, já carregava consigo as marcas de uma cultura hibridizada, o contato com a cultura indiana e a cultura portuguesa que causava receios aos seus familiares já havia deixado suas

¹² Conceito trabalhado no capítulo III deste estudo. Referência aos estudos diaspóricos e ao câmbio cultural proveniente do contato entre culturas.

marcas no jovem¹³. O medo do desfazimento dos vínculos culturais é o que motiva as assombrações do falecido pai do jovem navegante. Em todo o enredo, as vivências com sujeitos provenientes de laços culturais distintos da sua, foi motivo de insatisfações e represália pelos seus familiares, porém não foram suficientes para impedir a sua saída à procura de tais guerreiros para lutar ao lado deles, bem como para criar um equilíbrio com as tradições que se encontravam fragmentadas devido aqueles que “antigamente [...] chegavam em bondade de intenção [mas] agora [...] traz a morte na ponta do dedo (COUTO, 2007, p. 67)

Todavia, mais do que um romper com sua tradição local, Kindzu objetivava encontrar um caminho que trouxesse de volta a paz para o seu país. Lutar pelo fim da guerra, em defesa do seu povo, era a sua real motivação. A desobediência aos mais velhos e aos seus ancestrais não se apresenta como um caminho que poderia ser evitado. A guerra retira o direito de escolhas, impõe-se e age como força a coagir a migrar ou resignar-se à morte que espera.

A guerra transformara as aldeias que “foi ficando deserta, todos partiram, um após nenhum” (COUTO, 2007, p. 66) desterritorializando o povo moçambicano, coagindo-o a abdicar de suas raízes culturais, suas tradições e o contato entre os aldeões, caso pretendessem prolongar os seus dias de vida. A permanência da personagem em solo moçambicano, mesmo diante o cenário de destruição, demonstra que, apesar da desobediência aos conselhos e mandamentos dos ancestrais, os vínculos que uniam Kindzu a Moçambique não haviam sido cortados. Sair de Moçambique não se apresentava como uma opção, e que Kindzu deixa claro: “eu queria encontrar um outro continente dentro de África”(Couto, 2007, p.103), os laços emocionais com a pátria permanecem e são potencializados pela guerra, posto que a personagem abre mão da sua aldeia, em nome de seu país.

¹³Minha família receava que eu me afastasse de meu mundo original. Tinham seus motivos. Primeiro, era a escola. Ou antes: minha amizade com meu mestre, o pastor Afonso. Suas lições continuavam mesmo depois da escola. Com ele aprendia outros saberes, feitiçarias dos brancos como chamava meu pai. Com ele ganhara esta paixão das letras, escrevinhador de papéis como se neles pudessem despertar os tais feitiços que falava o velho Taímo. Mas esse era um mal até desejado. Falar bem, escrever muito bem e, sobretudo, contar ainda melhor. Eu devia receber esses expedientes para um bom futuro. Pior, era SurendraValá. Com o indiano minha alma arriscava se mulatar, em mestiçagem de baixa qualidade. Era verdadeiro, esse risco (COUTO, 2007, p.24)

Caminhante sem destino, a personagem é, em essência, sujeito em dispersão em seu próprio país, exilado em solo pátrio. A essa concepção de exílio, aqui defendida, filiamo-nos aos estudos de Schimit (2005), em seu artigo *Uma casa chamada exílio*, o qual defende que Kindzu encontra-se classificado em uma modalidade do exílio dos sujeitos que “não partem, e que por força dos acontecimentos históricos, veem-se transformados em testemunhas da perda de sua casa” (2005, p. 96). O apego à pátria, mesmo estando seu lar-país destruído em questões estruturais, humanas e simbólicas (tradições) – Kindzu não se desvinculava emocionalmente de Moçambique, posto que “não seria nunca capaz de me retirar, virar costas. Eu tinha a doença da baleia que morre na praia, com olhos postos no mar.” (COUTO, 2007, p.92)

No mesmo sentido, compreendemos a colocação de Hall ao retratar o exílio como o sentimento de que “não estamos em casa” (Hall, 2003, p. 27). Assim, podemos observar que, neste contexto, o exílio que aqui trazemos para reflexão não consiste na instância espacial, mas sim no não reconhecimento identitário do sujeito com a sua pátria, tomando, destarte, conotação afetiva daqueles que vivenciaram mudanças traumáticas pelas guerras coloniais e pós-coloniais, como é o caso da personagem aqui analisada que mesmo estando geograficamente em seu país não o reconhecia como o que se tornara, mantendo-se sempre sonhador, na esperança de “encontrar um outro continente dentro de África” (COUTO, 2007, p. 92)

Este sentimento de não pertencimento deve-se ao momento de construção histórica, ou seja, momento de ruptura com os valores advindos do período colonialista na situação que Moçambique se encontrava. Devastada pela guerra e pela miséria, as profundas mudanças acontecidas no pós-independência impunham a construção de novos significados e significações para os sujeitos e suas identidades agora em ruínas.

O processo de desterritorialização, neste sentido, comporta-se de duas maneiras distintas. Por um lado, como Schimit (2005) preceitua de ordem simbólica, vinculada a questões emocionais de reconhecimento identitário, o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada bem como a distopia que fazia morada na real Moçambique, impedindo que a personagem encontrasse reflexo no solo que outrora era o representava por inteiro. Por outro lado, o processo de desterritorialização afetava Moçambique em seu sentido literal do termo, a guerra roubava o direito de habitar, de ficar em sua terra, permanecer em sua aldeia era esperar pelos bandos,

esperar pela morte. O cenário apocalíptico que é apresentado na obra, evidencia a situação de abandono e morte que pairava sobre a nação, sendo equiparado a um corpo doente, em desfazimento:

A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias. As paredes, cheias de buracos de balas, pareciam a pele de um leproso. Os bandos disparavam contra as casas como se elas lhes trouxessem raiva. Quem sabe alvejassem não as casas mas o tempo, esse tempo que trouxera o cimento e as residências que duravam mais que a vida dos homens. Nas ruas cresciam arbustos, pelas janelas espreitavam capins. Parecia o mato vinha agora buscar terrenos de que tinha sido exclusivo dono. Sempre me tinham dito que a vila estava de pé por licença de poderes antigos, poderes vindos do longe. Quem constrói a casa não é quem a ergueu mas quem nela mora. E agora, sem residentes, as casas de cimento apodreciam como a carcaça que se tira a um animal. (Couto, p.23)

As migrações realizadas em solo moçambicano, de acordo com Tilman Bruck, em seu artigo *Guerra e desenvolvimento em Moçambique*, tornavam as populações sujeitas a hostilidades encontravam-se frequentemente deslocadas, seja em seu próprio país ou fora dele. BRÜCK (1998, p. 1031) afirma que cerca de um quarto de todos os residentes internos estavam deslocados no interior de Moçambique no final da guerra. Estes números expressivos sugerem, pelo menos, três fatores que devem ser analisados. O primeiro ponto que merece destaque é a extrema extensão do deslocamento de capital humano em Moçambique, sendo comparável apenas a alguns movimentos populacionais que se seguiram a genocídios na história mundial recente. Em segundo lugar, outros fatores que impulsionaram esta migração foram a extrema insegurança e as péssimas condições econômicas dos indivíduos envolvidos. E, por fim, somam-se os custos de transação a crescente necessidade de ajuda causado pela massiva migração.

Como já demonstrado, Kindzu não permaneceu inócuo a esta situação, em sua empreitada identitária, a personagem concede novos contornos a sua história através do contato com povos de outras aldeias. Dentre estes, destacamos o encontro com Farida, a jovem que se encontrava exilada em um navio naufragado repleto de mercadorias, as quais seriam destinadas para alimentar o povo de Matitmati, que padecia dos racionamentos próprios em tempos de guerra. Kindzu, ao ver a bela jovem, e conhecer a sua história, envolve-se emocionalmente, deixando-se apaixonar.

Embebido por este amor, Kindzu envolve-se em um novo objetivo: encontrar Gaspar, o filho perdido de Farida. Esta nova motivação de caminhada concentra em si as razões de outrora: encontrar o que lhe faltava, completar-se. Devolver o filho perdido à mulher amada, é para ele sinônimo de ter Farida junto a si, de completá-lo enquanto mulher e companheira. É neste caminhar em busca de Gaspar, de Junhito, de Farida, de tornar-se um guerreiro blindado, que Kindzu procura o que lhe falta conjuntamente procura fugir das cenas de guerra.

Caminhante, sonambólico, Kindzu perpassa entre o onírico e a realidade como um caminhante que não despertara de um sonho, as histórias de viagem de Kindzu vão ganhando novos personagens e aventuras. Dentre as vivências destacamos o encontro com Tia Euzinha e com Virginia, nessa nova busca pelo sonho da amada. A Tia de Farida encontrava-se em um campo de refugiados e não possuía notícias de Gaspar. Dona Virgínia - a senhora que cuidou de Farida enquanto menina após fugirem da sua aldeia sob as marcas da maldição de nascer gêmea, como na tradição do seu povo – sabia do menino que era fruto da violação do seu falecido marido Romão ao corpo de Farida ainda menina. Todavia, as informações inconcretas, de tempos e incertezas não colaboravam efetivamente com as urgências de Kindzu.

Apenas no último sonho do jovem, no capítulo final da obra, podemos observar que Kindzu cumpre a sua promessa para Farida e encontra o menino. Narrado em tom de desvarios, o encontro que transita entre a premunição onírica e os devaneios da morte, em longa narrativa, Kindzu relata o que lhe aparecera em seu último sonho, apresentando o cenário de destruição, infeliz herança do colonialismo, que recairia sobre a comunidade:

O feiticeiro subiu a um morro de muchém e contemplou a planície. Ajeitou o chapéu feito de penas e enroscou melhor a sarapilheira como se aquele calor lhe esfriasse os ossos. Então, levantando o seu cajado sentenciou: – Que morram as estradas, se apaguem os caminhos e desabem as pontes! Depois, começou o discursodesfiando palavras lentas, rasgando a voz de encontro ao vento: – Chorais pelos dias de hoje? Pois saibam que os dias que virão serão ainda piores. Foi por isso que fizeram esta guerra, para envenenar o ventre do tempo, para que o presente parisse monstros no lugar da esperança. Não mais procureis vossos familiares que saíram para outras terras em busca da paz. Mesmo que os reencontreis eles não vos reconhecerão. Vós vos convertêsseis em bichos, sem família, sem nação (COUTO, 2007, p. 118).

O anúncio apocalíptico do feiticeiro, baseado nas transformações ocorridas em Moçambique e as afetações em seu povo, destituiu os vínculos familiares, transformando os sujeitos que saíram em busca de paz em outros indivíduos. A desconstrução referida pela feiticeira revela o grau de destruição da guerra para Moçambique, onde a instância familiar, núcleo primeiro das aldeias tiveram seus clãs estilhaçados. A zoomorfização, também relatada em sua fala, refere-se não só à transformação mística em animais, como foi o caso do menino Junhito, mas também traz á luz todo o processo de desumanização que fora a guerra, sendo esta capaz de transformar homens em animais, sem família e sem nação – já que a mesma foi dilacerada.

No final do sonho, o feiticeiro apresenta um tom de esperança em sua fala mostrando um novo caminho capaz de conferir a Moçambique a sua reconstrução e a restituição da dignidade e da identidade do seu povo:

No final, porém, restará uma manhã como esta, cheia de luz nova e se escutar uma voz longínqua como se fosse uma memória de antes de sermos gente. E surgirão os doces acordes de uma canção, o terno embalo da primeira mãe. Esse canto, sim, ser nosso, a lembrança de uma raiz profunda que não juram capazes de nos arrancar. Essa voz nos dar a força de um novo princípio e, ao escutá-la, os cadáveres sossegarão nas covas e os sobreviventes abraçarão a vida com o ingénuo entusiasmo dos namorados. Tudo isso se fará se formos capazes de nos despirmos deste tempo que nos fez animais. Aceitemos morrer como gente que já não somos. Deixai que morra o animal em que esta guerra nos converteu (COUTO, 2007, p. 201-202).

-

Os doces cantos que entoarão o novo devir, abraçado pela primeira mãe dos moçambicanos, a mãe-África, revela a raiz mais profunda que nem mesmo os fazedores de guerra seriam capazes de extirpar. Neste momento em que a pólvora for silenciada, a humidade dos moçambicanos será restaurada e toda a opressão que os transformou em animal será destituída, sendo capaz de devolver a paz aos que foram assassinados durante este tempo.

A animalização do homem representada na obra referencia as lutas deflagradas, não adotando partido, nem vinculação ideológica, sendo independente de frente política, a guerra desumaniza, metamorfoseia o homem em animal, roubando-lhe a dignidade humana. Esta zoomorfização alegorizada na obra pela transformação de Junhito, irmão de Kindzu, com a finalidade de preservar sua vida, porém o retornando à condição humana desta personagem – como de todos as outras que integravam esta cena narrativa

-, representa, mesmo que no espaço onírico do protagonista, a restituição da humanidade do povo de Moçambique.

por entre as brumas do sonhado, vi um galo se aproximando. Era Junhito, quase eu ia jurar. Porque no inverso dos outros, ele se humanizava, lhe caíam penas, cristas e esporões. Me olhou ainda semibicho. Seus olhos me pediam qualquer coisa, nem eu adivinhava. Que ajuda lhe podia dar, eu, simples sonhador? O que sucedeu, seguidamente, foi que surgiram o colono Romão Pinto junto com o administrador Estêvão, Shetani, Assane, Antoninho e milicianos. Vinham armados e se dirigiram para Junhito, com ganas de lhe depenar o pescoço. Cercaram o manito, dizendo: - Teu pai tinha razão: sempre te viemos buscar. Então, Junhito me chamou. Eu me olhei, sem confiança. Mas o que em mim vi foi de dar surpresa, mesmo em sonho: porque em meus braços se exibiam lenços e enfeites. Minhas mãos seguravam uma zagaia. Me certifiquei: eu era um *naparama*! Ao me verem, em minha nova figura, aqueles que maltratavam o meu Irmão se extinguiram num fechar de olhos. Mas Junhito ainda lutava para se desbichar, desembaraçar-se da condenação. Me veio à ideia que ele precisava de um pouco de infância e cantei os embalos de nossa mãe, sua última ponte com a família. Enquanto eu cantava ele se foi vertendo todo gente, completamente Junhito. A seu lado, como se chamada por meu canto, minha mãe apareceu segurando uma criança em seu colo. Lhes chamei mas eles nem me pareciam ouvir. Junhito colocou a mão aberta sobre o peito e depois fechou as duas mãos em concha. Me agradecia. Acenei uma despedida e ele, segurando minha mãe pelo braço, desapareceu nas infinitas folhagens. (COUTO, 2007, p.203)

A parte final do seu sonho-revelação contém o ápice da personagem que encontra seu “irmãozito” humanizado, sua mãe e vê-se transformado em um guerreiro *naparama*. É neste momento que Kindzu alcança todos os seus desejos de uma única vez, seja uma composição onírica ou real, a personagem alcança seus objetivos, mesmo que o preço a ser pago seja a sua existência

A estrada me descaminhou. O destino o que é senão um embriagado conduzido por um cego? Fui sendo levado sem conta nem tempo. Até que meu coração se apertou em sombrio sobressalto. Me surgiu um machimbombo queimado. Estava derreado numa berma, a dianteira espalmada de encontro a uma árvore. De repente, a cabeça me estala em surdo baque. Parecia que o mundo inteiro rebentava, fios de sangue se desalinhavam num fundo de luz muitíssimo branca. Vacilo, vencido por súbito desfalecimento. Me apetece deitar, me anichar na terra morna. Deixo cair ali a mala onde trago os cadernos. Uma voz interior me pede para que não pare. É a voz de meu pai que me dá força. Venço o torpor e prossigo ao longo da estrada. Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus

cadernos. Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra. (COUTO, 2007, p.204)

O encontro com Gaspar/Muidinga apresenta um tom místico, de enlace temporal e narrativo, neste momento em que as personagens encontram suas histórias, transformam-se naquilo que desejava, assumindo suas identidades os cadernos de Kindzu cumprem o seu papel e se desfazem no ar convertendo-se em grãos de areia. Estas páginas da terra, responsáveis pela sementeira dos sonhos e do registro das tradições orais de Moçambique permite o florescer das múltiplas identidades que constituem o sujeito pós-colonial, sem necessariamente, cortar as suas raízes com a tradição.

Kindzu alcança todos os seus desejos em um só momento, encontrando Gaspar/Muidinga, seu irmão Junhito e tornando-se um guerreiro *naparama*. O prenúncio de sua morte não impede que ele sintasse realizado, pois tinha agora todos os seus desejos alcançados, sua viagem sem destino e sem hora de chegada tem seu fim sem perder o sentido na sua caminhada pela completude que nunca se realizará, posto que sua morte freia esta concretização.

A presente narrativa ora analisada, inaugura na senda literária o projeto coutiano de construção de um novo olhar sobre África, despido de reducionismos e revestido das pluralidades que compõem este povo, expondo suas cicatrizes de guerra e sua cultura singularmente plural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos constatar que o processo de desterritorialização imposto à personagem resultou na crise indentitária advinda da modernidade tardia e reforçada pela Guerra Pela Libertação e pela guerra civil, metamorfoseando as personagens Kinzdu em um sujeito sonambólico, preso no entre-mundo do real e do onírico.

Esta situação de sonambulismo, que repercute diretamente sobre a identidade, dilacerando a sua compreensão de componente humano intrínseco e imutável é compreendida, no presente estudo, como sonambulismo identitário, devido à incapacidade da personagem de perceber que o pesadelo vivenciado advém dos horrores da guerra que a persegue enquanto caminham, na inútil tentativa de fugir da realidade que os encarcera.

As marcas da guerra, como observado , não se apresentam, em nenhum momento, de forma explícita. É sempre um acontecimento antecipado, uma munição disparada ou um incêndio que acontecerá. Destarte, destacamos o protagonismo da guerra que atua na narrativa como um agente responsável pelo sonambulismo que acomete a personagem, conforme os três elementos catalizadores deste processo que adotamos em nossa análise, quais sejam: i. a guerra como força coatora que obrigam as personagens a migrar, ii. a fragmentação identitária sofrida pelas personagens que não se reconhecem, nem tampouco reconhecem o que Moçambique se tornara, ocasionando uma não identificação entre sujeito e nação iii. o roubo da vida da personagem aqui analisada.

Por fim, a partir da análise realizada, destacamos as eventuais contribuições que o presente estudo apresenta para as pesquisas em literatura moçambicana, bem como para a crítica coutiana, no tocante à temática das migrações durante a guerra civil em Moçambique, e do processo de desterritorialização que assolou o país durante este

período, destacando os reflexos sobre as personagens do romance *Terra Sonâmbula* (2007),

6 REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. In: BONNICI, T. Coleção Fundamentum, n° 12. Maringá: EDUEM, 2005

_____. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. 2.ed. Maringá: EDUEM, 2012.

BRÜCK, Tilman. **Guerra e desenvolvimento em Moçambique**. *Análise Social*. v. 33, p. 1019-1051, 1998. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221844645N4pCJ4py0Bk40IF4.pdf> Acesso em 11 de agosto de 2018.

CAMPOS, Josilene Silva. **As representações da guerra civil e a construção da nação moçambicana nos romances de Mia Couto (1992-2000)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás. 2009.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Noémia de Sousa. Livraria Sá da Costa Editora: Lisboa, 1978.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FERREIRA, Eduardo de Sousa; LOPES, Carlos M.; MORTÁGUA, Maria João. **Diáspora Angolana em Portugal: Caminhos de Retorno**. Cascais, PT: Príncípia Editora, 2008.

FRY, Peter. Culturas da diferença: sequelas das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África Austral. *Afro-Ásia*, n° 29/30 p. 271-316. 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org. Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2003. Col. Humanitas.

_____. **A identidade cultural na pós – modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATA, Inocência . **Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa.** Cadernos do Povo, 1992, p. 93. In: LARANJEIRA, Pires. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Um casa chamada exílio.** IN: Gragoatá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF. Vol.17, nº1, jul./dez. 1996.

TEMUDO, Marina Padrão. **Campos de batalha da cidadania no Norte de Moçambique.** Cadernos de Estudos Africanos. Lisboa. .(2005)